

Parece que foi ontem

Dizia Albert Camus que “a integridade não está sujeita a regras”. Talvez por isso eu tenha encontrado no jornalismo, tão permeável a intrigas como aveloso a mordanças, tanta gente íntegra

Magalhães toma o leme no *Record*

Tem nome de navegador e já deu quase uma volta ao Mundo a fazer crónicas e reportagens. Foi ele quem levou à Indonésia, ao pequeno Martinis, em 2005, a camisola autografada por Cristiano Ronaldo. Também é como um computador, tal a sua capacidade de trabalho, o empenho que coloca no que realiza, a qualidade da escrita, a diversidade de contactos e a isenção total, tudo somado a uma probidade, uma decência e uma facilidade de sorrir e de gostar absolutamente raras. Chama-se António Magalhães e concedeu-me o privilégio, nos anos 80, de dar comigo os primeiros passos na profissão e, em 2003, de deixar para trás 13 anos em *A Bola* e acompanhar-me na direcção do *Record*, tarefa que se prolongou por mais de uma década. Esta semana, um acto de bom senso e de boa gestão fez dele o nono director do *desportivo* da Cofina, uma decisão que presta justiça a um homem a sério, um príncipe do jornalismo. □



▲ O António (à esq.) no Estádio do Restelo, em 1983, antes de um jogo entre jornalistas

Começou no *Off-Side*

Uma carreira de 30 anos na informação de desporto

Participou num concurso, em 1983: *Queres ser jornalista? Sim, quero!* António Magalhães e José Paulo Canelas, actual director-adjunto da *TV Guia*, foram os vencedores da **iniciativa do Off-Side** e iniciaram as carreiras nesse semanário. Magalhães passou depois por *Gazeta dos Desportos*, *Correio da Manhã* e *A Bola*, até chegar ao *Record*, do qual foi director-adjunto durante 10 anos.

▼ Magalhães (à dir.) com Artur Agostinho e Mário Zambujal, em 2010, na redacção do *Record*



© Jornalista
Alexandre Pais
www.alexandrepais.pt

Observador

Um trabalho muito difícil

Em menos de um mês, três directores de grandes diários de circulação nacional perderam os seus cargos: Manuel Tavares, João Marcelino e João Queirido Manha deixaram, respectivamente, *Jornal de Notícias*, *Diário de Notícias* e *Record*, cujas redacções lideravam há três, sete e apenas um ano. Não eram empregos para a vida, longe disso, antes lugares de enorme desgaste, nos quais se luta, diariamente, contra o galopante *desaparecimento* do papel e a falta de receitas nas cada vez mais procuradas edições digitais.

Não é preciso recuar aos *anos dourados* do fim do século XX, fiquemos por 2004. De então para cá, o *JN* caiu de 112.150 exemplares em banca para os 52.685 do primeiro semestre de 2014 (menos 53%), o *DN* desceu de 39.094 para 11.965 (menos 69,4%) e o *Record* veio dos 91.544 exemplares em banca no ano do Europeu de futebol para os actuais 42.156 (menos 54%), boa parte deles da minha própria responsabilidade. São 500 milhões de exemplares perdidos numa década só por esses três títulos, o que torna a gestão muito difícil, obriga a redução drástica de custos e leva as administrações a *cortar cabeças* na esperança de que um milagre possa acontecer.

Não é brilhante a *herança* que António Magalhães recebe das direcções anteriores, mas grande é o talento e a vontade – dele e da sua equipa. Sorte, amigos! □